

CORREIO BRAZILIENSE

*Na quarta parte nova os campos atra.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e. VII e 14.*

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Usurpação e arrogância

A decadência do ensino não é, como tantos outros, um fenômeno tipicamente brasileiro. Ocorre em todo o mundo, mas, aqui, mostra um perfil específico e bem mais alarmante. Nutre-se não só de causas estruturais como da inadequação dos equipamentos escolares e uma deficiente preparação dos professores, mas de sucessivas disfunções circunstanciais. Em um momento, são as unidades privadas que suspendem suas atividades para protestar contra os preços das mensalidades estabelecidos por órgãos oficiais de controle. Em outro, são os mestres da rede pública que abusam das greves para reivindicar reajustes salariais.

O fato é que o período escolar é constantemente interrompido, com perda significativa da qualidade de ensino, cujos reflexos futuros se revelam na precária formação da juventude. Em Brasília, além dos fatores desqualificativos já mencionados, outros ainda mais insólitos sucedem com espantosa regularidade.

Ainda agora a insolência da liderança sindical, inevitavelmente transporta aos movimentos reivindicatórios do professorado, reaparece com uma carga de radicalismo totalitário. Antes mesmo da realização da assembleia que deveria decidir se a categoria entraria em greve, o sindicato notificou à Fundação Educacional de que os professores da rede pública haviam suspenso

suas atividades. Só que a proposta foi rejeitada quase que por unanimidade. Não se trata apenas de uma intolerável usurpação de poderes, mas de uma decisão tomada nitidamente para colher vantagens políticas. Como é notório, os dirigentes do Sindicato dos Professores são filiados à Central Única de Trabalhadores (CUT), braço sindical do PT e principal agente de mobilização eleitoral do partido.

É bom constatar que uma classe portadora de superior discernimento e alta consciência social não se deixou converter em massa de manobra para satisfação de ambições partidárias. Ora, as greves são invariavelmente decididas por uma minoria blanquista, que compensa a ausência de representatividade com discursos histéricos e palavras de ordem carbonárias. Imagine-se agora o tamanho da fraude se a greve tivesse sido decretada sem consulta alguma à categoria e arrogantemente comunicada pelo Sindicato à instância competente do poder público.

O corpo docente da rede pública de Brasília está convidado, diante do humilhante episódio, que o expõe à opinião pública como um estrato social despersonalizado, a realizar uma reflexão madura sobre o seu próprio comportamento enquanto contingente situado nos planos superiores da coletividade.